

RUA COMO CENTRALIDADE URBANA NUMA CIDADE AMAZÔNICA

Street as urban centrality in an amazonian city

Rue comme centralité urbaine dans une ville amazonienne

José Aldemir de Oliveira

Universidade Federal do Amazonas

In memoriam

Resumo

Este artigo, sem perder a dimensão de totalidade, trata de uma rua e apresenta a análise da centralidade urbana numa cidade ribeirinha da Amazônia. A partir da identificação do papel e das funções decorrentes do vai e vem das pessoas numa rua que se constitui como a principal via nas várias etapas de expansão da cidade, infere-se a centralidade da cidade de Parintins-AM na contemporaneidade. A rua contém e está contida nas mudanças ocorridas na cidade e é o ponto de partida para se compreender as transformações e permanências ocorridas no espaço urbano no século XX e nas primeiras décadas do século XXI. O artigo trata da Avenida Amazonas a mais antiga e, ainda, a mais importante via por concentrar tudo o que a cidade tem e que nela falta. A pesquisa que deu origem ao texto teve como base a análise documental e a observação de campo feita durante vários anos, mas de modo mais sistemático no ano de 2016, utilizando-se da descrição e de dados quantitativos, demonstra as transformações da avenida e as atividades e os serviços que nela foram e são desenvolvidos. O texto situa a cidade, discute a centralidade a partir da geografia, toma a rua como ponto de partida para concluir que as cidades ribeirinhas amazônicas são específicas, mas não únicas, pois estão articuladas e inseridas no sistema geral de reprodução da sociedade.

Palavras-chave: Cidades amazônicas; rua e centralidade; Parintins-AM.

Abstract

This article, without losing the dimension of totality, deals with a street and presents the analysis of urban centrality in a riverside city of the Amazon. From the identification of the role and functions of people coming and going on a street that is the main route in the various stages of expansion of the city, it is inferred the centrality of the city of Parintins-AM in contemporary times. The street contains and is contained in the changes occurred in the city and is the starting point to understand the transformations and permanences that occurred in urban space in the twentieth century and the first decades of the twenty-first century. The article deals with the Amazonas Avenue as being the oldest and still the most important way to concentrate all that the city has and that it lacks. The research that originated the text was based on documentary analysis and field observation made over several years, but more systematically in the year 2016, using the description and quantitative data demonstrates the transformations of the avenue and activities and services that have been and are developed in it. The text situates the city, discusses the

centrality from the geography and takes the street as a starting point to conclude that the Amazonian riverside cities are specific, but not unique, since they are articulated and inserted in the general system of reproduction of society.

Keywords: Amazonian cities; street and centrality; Parintins-AM.

Résumé

Cet article, sans perdre la dimension de la totalité, traite d'une rue et présente l'analyse de la centralité urbaine dans une ville riveraine de l'Amazonie. Identifie le rôle et des fonctions des personnes qui vont et viennent dans une rue qui constitue le principal axe des différentes étapes de l'agrandissement de la ville, montre la centralité urbaine de la ville de Parintins-AM à l'époque contemporaine. La rue contient et est contenue dans les changements survenus dans la ville et constitue le point de départ pour comprendre les transformations et les permanences survenues dans l'espace urbain au XXe siècle et dans les premières décennies du XXIe siècle. L'article traite de l'avenue Amazon, l'avenue la plus ancienne et la plus importante de la ville, et comprend tout ce que la ville a et ce qui lui manque. La recherche à l'origine du texte était basée sur une analyse documentaire et une observation de terrain effectuées sur plusieurs années, mais plus systématiquement en 2016, à l'aide de la description et de données quantitatives, démontrant les transformations de l'avenue et de la activités et les services qui y ont été et sont développés. Le texte localise la ville, discute la centralité urbaine na géographie, prend la rue comme point de départ pour conclure que les villes riveraines de l'Amazonie sont spécifiques, mais elles ne sont pas uniques, car elles sont articulées et insérées dans le système. reproduction de la société.

Mots-clés: villes amazoniennes; rue et centralité; Parintins-AM.

Introdução

Apresenta-se neste artigo uma rua, a Avenida Amazonas, como recorte espacial e ponto de partida para a análise do crescimento e da expansão da cidade de Parintins. A rua sempre foi lugar de passagem, de moradia e um espaço público. A sua importância retoma o início da cidade como caminho ou vereda que ligava o rio à terra, e, à medida que a cidade cresce, a rua possibilita a penetração para o intraurbano, consolidando-se como importante lugar do vai e vem da gente do lugar. Além do fluxo, passa a concentrar os tapiris como abrigo dos primeiros moradores do lugar, que iam se sucedendo aos antigos habitantes e começam a construir o comércio, bem como as primeiras edificações usadas como prédios públicos.

O texto faz breve contextualização da cidade de Parintins e apresenta a discussão sobre a centralidade urbana, especialmente nas cidades amazônicas, para em seguida descrever a paisagem urbana da rua, como resultado da pesquisa de campo com observação e entrevista com moradores antigos, por meio de perguntas abertas, seguindo um roteiro preestabelecido, complementado por levantamento documental e iconográfico que

possibilitaram identificar as principais transformações ocorridas na paisagem e traçar a estruturação urbana decorrente das mudanças e permanências da Avenida Amazonas. As transformações ocorreram na paisagem e no modo de vida dos moradores que, ao longo do tempo, foram conformando papel de centralidade urbana à rua.

Parintins espaços e tempos de uma cidade ribeirinha

A rua de que trata este artigo, na aparência, não tem nada de extraordinário: prédios residenciais, comerciais e de serviços, escolas, clínicas, calçadas. Além disso, há circulação de pessoas e mercadorias numa rotina dinâmica, às vezes imperceptível, onde cada parte da rua tem peculiaridades, a começar pela gênese e pela toponímia que pode lembrar lugares e nomes importantes da história local. Aprofundando as observações, é possível identificar que a mesma ganha identidade a partir das pessoas que passam e ficam, conversam, se cumprimentam – é o nunca estar sozinho. Aos poucos tudo se mistura, aparecem junto às casas pontos comerciais, banca de tacacá e churrasquinho os quais se diferenciam por cores, sons, cheiros, numa mistura de coisas e objetos que conformam a paisagem de uma cidade amazônica.

A cidade de Parintins, situada à margem direita do rio Amazonas, no Baixo Amazonas, próximo ao limite do estado do Pará, é o nó da rede entre as cidades de Nhamundá, Urucará, Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Maués, no Amazonas, e as cidades de Terra Santa, Juruti Velho e Faro, no vizinho estado do Pará (Figura 1).



Figura 1- Localização do município de Parintins - AM, 2016.

Fonte: Google maps, 2015; CPRM, 2015; IBGE, 2010. Desenho Thiago Franco, 2016.

Para se considerar Parintins como cidade ribeirinha, toma-se como base Saint-Clair da Trindade Junior, Marcos da Silva e Márcio Amaral (2008) que partem da análise das pequenas cidades localizadas às margens dos rios, com possibilidades que não se igualam às presentes nas cidades locais, sem considerá-las, tampouco, apenas como cidades localizadas às margens dos rios, mas como aquelas que se articulam e tem o rio como base de sua estruturação econômica, social e cultural. Parintins, mais do que uma cidade ribeirinha, é uma ilha e, segundo o IBGE, com população estimada de 67.655 habitantes, em 2016 (IBGE).

A cidade atual remonta às últimas décadas do século XVIII. No livro *As Origens de Parintins*, de Arthur César Ferreira Reis, tem-se os primeiros relatos sobre a história de Parintins: “Vila Nova primeira pousada para quem entrava na Capitania vindo pelo Amazonas, era um sítio ótimo para a vigilância de embarcações que conduziam os gêneros de comércio” (REIS, 1967, p.14). Na administração do governador Lobo D’Almada (1788-1899), foram registrados a criação de novos centros urbanos: Luséia, Abacaxis, Canumã, Juruti e Tupinambarana, que será o futuro povoado sede da missão religiosa.

As missões religiosas estruturaram o povoado e dinamizaram a organização espacial. Após a independência do Brasil, houve transformações significativas na espacialidade do que hoje corresponde ao estado do Amazonas e à Villa Nova da Rainha, como era então conhecida a cidade de Parintins, que foi elevada à condição de freguesia com a denominação de Tupinambarana pelo decreto de 25 de julho de 1832, do governo do Pará (BITTENCOURT, 2001, p. 14). Houve a expansão do povoado, surgiram as primeiras ruas e ergueram-se os primeiros prédios públicos e as primeiras residências. Nas últimas décadas do século XIX, a “Vila Bela da Imperatriz foi elevada à cidade com o nome de Parintins pela lei nº 499 de 30 de outubro de 1880” (IDEM, 2001, p. 97). Como era comum nos lugares amazônicos, a cidade mudou várias vezes de denominação: Tupinambarana, Vila Nova da Rainha, Vila Bela da Imperatriz e Parintins foram as denominações utilizadas durante o processo de aglomerado, povoado, vila e cidade.

Por conta de não ser uma área de grande produção do látex, a cidade não sofreu o ímpeto da produção da borracha e o seu crescimento foi se arrastando, sendo impulsionado pela produção da juta. Em 1952, “a cidade apresenta-se com quatro ruas paralelas ao rio, o resto da ilha era composta por áreas rurais, com pastagens para a espécie bovina e outras criações” (BUTEL, Larice et al., 2011, p. 68).

Havia a rua da frente, a rua do meio, a rua de trás, tal qual aparecem nas descrições de outra cidade amazônica: “cada rua tem o nome de um herói da história do Pará; as travessas têm nome de santos [...] os nomes indicados no mapa são raramente usados, quando o são” (WAGLEY, 1988, p. 46). As ruas são determinadas como tal a partir do rio, como ponto de chegada e partida, sem fazer menção à nomenclatura alguma. A exceção foi a avenida Amazonas.

A cidade foi se expandido sobre as pastagens das antigas fazendas de gado que surgiram devastando a floresta, que foi transformada em grandes extensões de pasto. Muitas destas áreas, com o passar dos anos, foram loteadas, passando de terra rural à terra urbana, dando

origem aos bairros como o Itaúna I e II, Paulo Corrêa (mais populoso) e União. Dentre os bairros mais “antigos”, destaca-se: São Benedito, Centro, Francesa, Palmares e Santa Clara.

A cidade que chega ao século XXI foi se expandindo influenciada pela agropecuária, especialmente pela cultura da juta, inserida no local por migrantes japoneses a partir de 1935 (CORRÊA, 2006), ano em que a cidade se tornou um importante centro de comércio e de beneficiamento da juta, um produto destinado, sobretudo, às fábricas paulistas de sacaria. Do mesmo modo, a pecuária também teve importância, o que possibilita que o município tenha, um dos principais rebanhos do estado. A partir dos anos de 1970, além do êxodo rural que caracteriza todas as cidades brasileiras, inclusive as cidades amazônicas, Parintins é influenciada pelo Festival Folclórico (NOGUEIRA, 2014) – que se realiza anualmente no mês de junho –, que contribuiu para a instalação de vários equipamentos urbanos, especialmente instituições de ensino superior públicas e privadas, com repercussões na estruturação da cidade, conforme informações retiradas do livro *História e Memória Política do Município de Parintins* (2011).

A centralidade urbana como dimensão do vivido

Parintins é considerada como cidade média de responsabilidade territorial. De acordo com Schor et al, essas cidades "exercem diversas funções urbanas e contêm arranjos institucionais que são importantes não só para o município da qual são sede, mas para as cidades e municípios ao seu redor, e principalmente para o que no Amazonas configura-se como interior do próprio município” (SCHOR et al, 2016, p. 23).

Trata-se de uma cidade média pelas funções que exerce e não pela importância econômica e demográfica na rede urbana nacional. Todavia, apresenta especificidades de centralidade influenciada pela dinâmica do rio: enchente - vazante. Esta inversão modifica os fluxos urbanos, com reflexos no comércio e nos serviços, bem como nos locais da cidade em que eles ocorrem. Na literatura sobre o tema, é recorrente a discussão da centralidade urbana nas grandes metrópoles e nas cidades médias e nas cidades com população menor do que 100.000 habitantes este fator urbano é pouco estudado, por tratar-se de inércia se comparada às cidades maiores. Concorde-se que “a discussão sobre centralidade é pouco expressiva no que diz respeito às cidades pequenas, uma vez que essa temática tem sido mais trabalhada pelos geógrafos para análises dos espaços intraurbanos das cidades médias

e das metrópoles" (OLANDA, 2010, p. 141), no entanto, é necessário investigá-la para compreender se ela ocorre e como influencia na dinâmica da cidade.

Em boa parte das cidades amazônicas a centralidade principal ainda é a beira do rio, ou em outras palavras a frente da cidade, como era conhecida e denominada pelos moradores de Parintins a área que contorna e media o contato do rio com a cidade. "A paisagem das cidades ribeirinhas, de uma forma geral, apresenta um traçado de ruas cujo final (ou o começo) é o rio que passa em sua frente" (TRINDADE JUNIOR; SILVA; AMARAL, 2008, p. 33). A beira do rio, que passa a ser tratada como "A Orla de Parintins" nos documentos oficiais, é contornada por espaços particulares, residências, armazéns, palafitas, portos (marinas), chácaras que contornam a faixa da orla, sendo que as opções de acesso da população em geral são as vias públicas (ruas), rampas, praças com escadarias, que estão se perdendo com a ocorrência das terras caídas na área da frente da cidade por onde o Rio Amazonas segue seu curso à jusante.

No caso de Parintins e de outras cidades amazônicas, a beira liga-se ao centro, e este ainda exerce função importante por concentrar o comércio, os serviços e algumas instituições públicas, configurando o lugar da "produção e reprodução do espaço a partir das atividades comerciais e de serviços que dão visibilidade às centralidades que são criadas ou redefinidas" (GARCEZ, 2009, p. 101). O centro da cidade cristaliza ao longo do tempo o seu crescimento e a sua estruturação aparecerá nas formas e nas funções, as quais demandam intensa articulação com outros lugares por seu grau de importância.

Assim a centralidade é a relação entre os espaços com maior densidade de meios de consumo, coletivos, individual, e o que representam esses espaços em termos de valor histórico e simbólico, bem como as possibilidades de se ter acesso a eles. Essas perspectivas levam-nos a associar o centro às localizações, e a centralidade aos fluxos que afluem ao centro e dele efluem, assim como as representações que sobre essas áreas se constituem. (SPOSITO; GÓES, 2013, p. 121).

A centralidade é determinada pelo fluxo de pessoas, pelos objetos geográficos fixados em determinados lugares e pela facilidade ou dificuldade de como se dá o deslocamento, que numa cidade como Parintins é determinado, primeiro, pelo fluxo cidade/interior e vice-versa e, segundo, pelo fluxo intraurbano.

O centro são os objetos geográficos enquanto formas e funções que se entrelaçam e, dependendo da necessidade da sociedade, se estabelecem como circuito econômico, social e cultural. Quando se analisa as transformações do centro de Parintins, identificam-se

modificações no espaço o que indica a existência do tecido urbano portador de uma urbanidade e centralidade antiga, renovada e nova que possui a dinamicidade propulsora das transformações urbanas.

Formas, estruturas, funções urbanas (na cidade nas relações da cidade com o território influenciado ou gerido por ela, nas relações com a sociedade e o estado) agiram uma sobre as outras e se modificaram; movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar. Toda formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu, um declínio. Seus fragmentos e restos servirão em seguida para/em outras transformações. (LEFEBVRE, 2001, p. 60).

A cidade cresce no tempo e sua estruturação aparece nas formas e nas funções, as quais demandam intensa articulação com e entre os lugares. Nesse sentido, o centro e a centralidade são elementos da dinâmica urbana como totalidade que se expressa a partir da divisão social do trabalho, deixando as marcas da sociedade na paisagem. Milton Santos especifica as noções de forma, função e estrutura como elementos essenciais para a compreensão da produção do espaço, não sendo indissociáveis, pois que “o Ser é a sociedade total; o tempo são os processos, e as funções, assim como as formas são a existência. As categorias fundamentais do estudo do espaço são, pois, a totalidade e o tempo”. (SANTOS, 1986, p. 176).

A centralidade é o movimento que se dá na cidade, e, no caso de Parintins, a rua que exerce esta função é a Avenida Amazonas, pelo fato desta concentrar: comércio, serviços especializados, repartições públicas e residências. Desde os primórdios da cidade, a Avenida aparece como via importante, conforme o registro dos relatos de moradores, cujas lembranças retomam o período em que ela era apenas um caminho de passagem para pessoas, na década de 1910, e as transformações que a consolidaram como uma das principais ruas da cidade na atualidade, e

dessa forma podemos afirmar que a rua é uma referência de localização, uma espacialidade onde as pessoas se identificam por símbolos comuns, deixando de ser algo abstrato para ser algo vivido, onde podem ocorrer relações sociais de cumplicidade. Também é local de controle social, é uma realidade histórico-social; no entanto é um lugar específico diante da totalidade. (FERREIRA, 2002, p. 33).

A rua é o espaço onde se constrói as relações sociais, sendo que as pessoas se identificam com o lugar. Ela assume importância diante da cidade a partir do seu crescimento, da sua expansão e da utilização do espaço público, seja por questões econômicas, culturais, religiosas ou políticas.

Caminho, depois vereda que se torna avenida

A centralidade urbana para além do comércio e dos serviços comporta outras espacialidades da cidade e as transformações que ocorrem continuamente, deixam no espaço impressões e arranjos como marcas de cada momento histórico. Nesse processo, aparece a Avenida como "fato de ser uma forma, uma aparência, significa que é saudável 'desconfiar' da paisagem. É conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência". (SOUZA, 2013, p. 48).

A entrevista de J.D. (89 anos), moradora da Avenida Amazonas no trecho entre a rua Cordovil e a Clarindo Chaves, expressa o sentido de cidade, e a Avenida Amazonas aparece num determinado momento como contraponto paisagístico e estético à cidade atual. Por isso, ela começa com a expressão de que "as ruas eram feias". Não aparece, nesta primeira fala, a dimensão da perda, mas a da constatação do que não mais existe.

As ruas eram feias, um mato alto e capim grosso. As casas eram cobertas de palha, as paredes eram de barro. Quando chovia, a água ficava empoçada até onde era a Catedral. O terreno da minha casa foi comprado pelo meu tataravô. Nos quintais havia criação de galinhas, porcos, patos e árvores frutíferas como: cupuaçuzeiro, mamão e outras frutas. (Entrevista concedida em julho de 2016).

A paisagem foi se modificando, a cidade se expandiu, tendo o rio Amazonas e os inúmeros igarapés que a cercam como limites. Estes vão sendo superados. E ela avança para a floresta em direção ao rio Macurany. Ao se expandir, a cidade vai gradativamente se afastando da vivência ribeirinha e, lentamente, vai adquirindo o modo de vida urbano, sem perder os costumes do interior, como a criação de animais nos quintais, o cultivo de árvores frutíferas, plantas medicinais e hortaliças.

A cultura de plantar é passada de geração para geração. Os filhos desde cedo aprendem a trabalhar com a terra e o cultivo no campo, quando migram para a cidade é essencial resgatar essa prática da produção agrícola em um novo espaço, 'os quintais' da área urbana, assim mantendo a relação entre o urbano e o rural. (SANTOS; COSTA; AMÂNCIO, 2014, p. 148).

A prática do cultivo e da criação foi sendo passada de gerações às gerações que, ao migrarem da área rural, reproduzem esse modo de vida na cidade, além de ser fundamental ao consumo das famílias, considerando a ausência de renda fixa e até mesmo a compra de mercadorias não ser facilmente acessível. Tal prática vai se perdendo por por diversos fatores econômicos: o aumento da renda possível com o aluguel de quartos para o festival, os benefícios da renda social (aposentadorias, bolsa família, seguro defeso) e a

disponibilidade de aquisição de frutas e verduras com a ampliação da oferta de postos de vendas, mercados e feiras.

Ainda é possível identificar na Avenida Amazonas quintais urbanos com grandes extensões, mas que aos poucos vão desaparecendo, seja por causa da especulação imobiliária, porque estão sendo vendidos, por estarem dando lugar a residências de melhor padrão, às atividades de comércio e serviço, bem como para a construção de quartos, que são construídos como alternativa de renda para serem alugados nos dias do festival folclórico.

A imagem a seguir mostra como era a Avenida Amazonas nos anos de 1970, já mostrando o papel relevante que tinha à época, com a predominância de residências que, embora simples, eram o local de morada da elite local.



Figura 2 – Avenida Amazonas em Parintins-AM, 1970.
Fonte: Banco de dados do IBGE, Acervo do NEPECAB, 2017.

Na imagem acima da Avenida Amazonas, é possível observar que havia o predomínio das residências formadas por casas – todas com construções térreas e nenhum sobrado – que foram construídas com o material disponível no local, especialmente palha, barro, e madeira, e algumas poucas de alvenaria. As casas eram simples, mas isto não significava desconforto, ao contrário, apresentavam conforto térmico com boa ventilação por conta da arborização dos quintais.

Essas características estavam presentes nas cidades ribeirinhas da Amazônia, como descrito nos escritos de Charles Wagley, na década de 1940, como já referido, numa realidade muito similar à cidade de Parintins:

Todos os prédios da rua Primeira são construídos de taipa ou madeira, todos tem chão de tábua ou cimento e telhados de barro e todos são pintados de branco ou de cores claras. Esse tipo de residência é classificado, em Itá, como casa, a fim de se distingui-lo das construções mais frágeis, cobertas de folhas de palmeira, chamadas barracas [...] são construções de dois ou três cômodos, com paredes e tetos de folhas de palmeiras trançadas e apoiadas em estacas fincadas no solo úmido. O soalho, geralmente feito de tabuinhas cortadas no tronco da paxiúba, é irregular, mas algumas dessas barracas tem chão de pranchas de madeira. [...] Existem algumas construções que o povo chama de ‘casas’ apesar de estarem em péssimas condições, e existem casas de taipa, pintadas de branco, com folhas de palmeira. (WAGLEY, 1988, p. 48).

Para além das casas, M. R., moradora do trecho entre a rua Senador Álvaro Maia e a Cordovil, relatou em entrevista que quando era criança andava apenas por um caminho no meio do mato, e não tinha água encanada nas casas. Ela e as demais crianças tinham que ir até à margem do rio Amazonas retirar a água que usavam para o consumo em geral, tiravam lenha do meio do mato e levavam para a casa. Segundo ela, não era um trabalho e sim uma diversão, pois brincavam ao fazer isso.

As famílias com maior posse pagavam o serviço do aguadeiro, pessoa que tinha como ofício carregar água do rio para as residências, fazendo uso do “cambão” descrito por Mário Ypiranga Monteiro:

No interior do estado é comum o uso do ‘cambão’ (pau que sustenta as latas lavrado em madeira rija como por exemplo tapitirica, itaúba, piranheira, retos ou ligeiramente deformados a capricho, com entalhes nas extremidades para sustentar as alças ou ganchos das latas. Alguns deles mais artistas pintam as latas, que não raro trazem o nome como advertência aos larápios. (MONTEIRO, p. 51-52).

A água potável destinada ao consumo doméstico, especialmente “a água de beber”, era passada (coada) primeiro em um pano, para se retirar o excesso dos sedimentos do Rio Amazonas, e depois armazenada em potes de barro, ou em bilha, de onde era retirada para ser consumida. Ser aguadeiro era uma profissão que gerava renda, mas veio a desaparecer após a chegada da água encanada nas residências.

Benedito Azedo, ex-prefeito da cidade (1973-1977), relata que a água encanada foi implementada em Parintins por meio do Programa Americano “Ponto 4”, com ações voltadas para a área da saúde e do saneamento básico, na Rua Silva Campos, com a construção de um posto de saúde e um posto de abastecimento de água. Até a década de 1940, a água utilizada provinha do rio Amazonas. Havia torneiras na rua Silva Campos, próximo à Maçonaria, e no prédio onde ficava a loja Esplanada, antiga loja Pernambucana, próximo à praça Eduardo Ribeiro. Até o ano de 1965, o abastecimento de água nas residências era inexistente, havendo poços artesianos em prédios públicos, casas

comerciais e em poucas residências, além de torneiras públicas que eram utilizadas para abastecer a população. (BUTEL, Larice et al., 2011).

A Avenida Amazonas passou por transformações em relação ao saneamento básico e ao desenvolvimento da infraestrutura urbana. Ainda permanece na memória dos moradores, mas em alguns aparece o sentimento de perda,

A Avenida Amazonas, tinha terra, areia e mato, depois foram plantadas as castanholeiras no passeio. A primeira pavimentação, de toda a Parintins foi feita de cimento e seixo, uma calçada de bom material e não havia desvio. As casas eram de palha e barro, as de palha eram bem mais ventiladas e eram comuns. As casas eram cercadas de estacas pontiagudas que também serviam de instrumento de luta corporal, além dos terçados. (E. L. entrevista concedida em maio de 2016).

Havia a arborização pública como continuidade dos quintais com árvores que embelezavam e produziam sombra em toda a sua extensão, como aparece na Figura 2, mostrada anteriormente. Porém, com a reurbanização no ano de 2000, a arborização foi quase completamente retirada para dar lugar aos novos projetos urbanísticos. Após a reinauguração da Avenida Amazonas (figura 3), era possível observar que ela não se aproximava do projeto propagado em panfletos oficiais pelo poder local – "de que era uma bela Avenida" –, com a ideia do espaço de convivência da família, do lazer e da tranquilidade.

Na verdade, buscava-se introduzir sinais de modernização num urbanismo aparentemente desprezioso cujo objetivo era o preparo da cidade para o festival folclórico, o que significa a inserção da cidade como parte do mercado da indústria cultural, e com isso,

o urbanismo torna-se valor de troca. O projeto dos promotores de vendas se apresenta como ocasião e local privilegiado: lugar de felicidade numa vida cotidiana miraculosa e maravilhosamente transformada [...] a cotidianidade parece um conto de fadas. [...] A sociedade de consumo traduz-se em ordens: ordem de seu elemento no terreno, ordem de ser feliz. Eis, o contexto, o palco, o dispositivo de sua felicidade. (LEFEBVRE, 2001, p.32).

O urbanismo aplicado em Parintins é o meio de valorização do espaço, e no qual o uso vai sendo sobreposto à troca, especialmente na Avenida Amazonas, com a especulação imobiliária em que o valor da terra urbana passa a ser o determinante para a mudança de área residencial e de estabelecimentos comerciais e de serviços. Ainda permanece o interesse em áreas residenciais mais voltado para um padrão diferenciado de moradia, destinada ao aluguel e, mais recentemente, ao primeiro projeto de verticalização

residencial. Portanto, morar na Avenida se tornou objeto de desejo, mas inacessível para a renda de muitos, os quais buscam outras áreas da cidade.



Figura 3 – Trecho da Avenida Amazonas após a reforma de 2000.
Fonte: Arquivos do *Jornal Novo Horizonte*, 11 de jul. de 2000.

A Avenida Amazonas muda não apenas a paisagem, mas também os usos e costumes. As tacacazeiras¹ não puderam permanecer nas calçadas da Avenida. No entanto, depois de certo período, as mesmas foram ocupadas por mesas e cadeiras dos bares, impossibilitando o ir e vir dos pedestres. No processo de reurbanização da Avenida, buscava-se, inicialmente, um espaço desprovido de atividades ligadas às coisas simples do lugar, ou que não fossem caracterizadas como "atividades modernas". Todavia, isto não se manteve, visto que o espaço foi, gradativamente, sendo retomado por essas atividades.

O espaço da Avenida reurbanizado foi adquirindo novas formas que foram modificando o espaço, dotando-o de significados diferentes a cada momento. As funções do comércio e serviço permaneceram, mas o que ocorreu foi a valorização e a concentração dessas atividades, bem como a readequação de outras. A forma da Avenida foi se adequando às funções, especialmente, do aumento da circulação de pessoas e de mercadoria e, com isso, novas relações sociais se estabeleceram.

Essas mudanças avivam memórias, e os antigos moradores guardam-nas, além de objetos e coisas que não mais existem, como também pessoas. Tudo isso configura a paisagem

¹ Pessoa que prepara o tacacá e o comercializa em espaços públicos da cidade, como calçadas e praças.

urbana pretérita que se formou não apenas no que foi construído, mas também nos seus construtores que entrelaçaram sentimentos e emoções.

As entrevistas com os moradores possibilitaram inferir que as mudanças ocorridas no espaço da cidade, mais especificamente no da Avenida Amazonas, envolvem novas formas e dimensões, sendo o espaço urbano parte dos processos que envolvem as diversas atividades e conexões entre as pessoas.

Devido à lógica da produção espacial que moderniza e introduz novos elementos ao espaço geográfico, as modificações ao longo do tempo alteram a paisagem e introduzem novas formas de atividades na função urbana, como o lugar de lazer, a via de circulação, o comércio e os serviços e a moradia.

Avenida Amazonas atual como centralidade urbana

Como em outras cidades amazônicas, em Parintins a centralidade primeira se estrutura a partir do rio onde se concentravam os comércios localizados nas ruas da frente. A primeira expansão para a Avenida Amazonas se dá quando ocorre a transferência dos comércios, não necessariamente ligados à venda, para o interior da cidade, sendo eles mais diversificados, com confecções, perfumaria e eletrônicos, e que vão se localizar próximo à praça da Matriz, expandindo-se para o leste até a Escadaria da Francesa, onde se estrutura um comércio similar ao existente na beira do rio, visto que se destinava também a atender a população do interior.

Os primeiros estabelecimentos comerciais funcionavam na própria moradia, como aparece na entrevista da moradora F.B., que fala sobre o senhor Zé Branquinho, proprietário de um comércio que vendia artigos alimentícios embalados numa época em que os produtos eram vendidos a granel.

Aos poucos, a Avenida que antes era apenas área residencial vai se transformando em área comercial, sendo que, em 2016, predominavam as atividades de comércio e serviço. Em certos trechos da Avenida, localizam-se o comércio e os serviços considerados sofisticados no nível local, o que possibilita o fluxo de pessoas de vários locais da cidade.

Em vista da expansão urbana, a Avenida Amazonas foi estruturando-se, expandindo-se com a cidade. Atualmente, a mesma se consolida como via de conexão para as várias áreas da cidade, cortando-a no sentido leste para oeste da Escadaria da Francesa até o Clube Mangueirão, próximo ao rio Amazonas, e se estendendo até à Lagoa da Francesa (Figura 4).

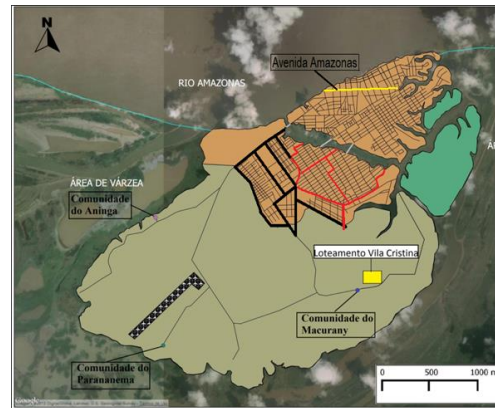


Figura 4 - Avenida Amazonas (primeiro plano), 2018.
Foto: Jimmy Pontes, 2018. Mapa: Estevan Bartoli, 2018.

Seus limites começam e terminam no rio, dessa forma, assemelha-se à Avenida Rio Branco no Rio de Janeiro: “[...] a avenida varava a cidade histórica de mar a mar. Não podemos esquecer que a Avenida foi uma demanda do porto, embora o embelezamento estivesse em pauta”. (PACHECO, 2009, p. 88). No caso da Avenida Amazonas, pode-se sustentar que ela "se estende na cidade de rio a rio, ou quase", o que faz dela a via de circulação da cidade com o rio, dando-lhe o *status* da principal via da cidade, embora não seja a rua da frente.

A paisagem urbana, que compõe o visível, o aparente da Avenida Amazonas, especialmente se comparada a outras vias da cidade, aparece bem conservada por expressar uma das centralidades, sendo aquela para “o turista ver” por sua localização de passagem para a praça da Igreja Matriz e para o Bumbódromo e por concentrar a principal área de comércio e serviço e o primeiro empreendimento vertical destinado à moradia em cidades do interior do Amazonas, o Amazon Residence (Figura 5). Na essência, porém, a Avenida apresenta os mesmos problemas de outras áreas da cidade em relação ao esgoto a céu aberto, às lixeiras “viciadas”, aos entupimentos de bueiros, enfim, problemas comuns na cidade.



Figura 5 – Empreendimento vertical para moradia em Parintins-AM, 2016.
Fonte: Portal “*A Crítica*”, 2016.

Na pesquisa de campo realizada de maio a agosto de 2016, foram georreferenciados todos os estabelecimentos comerciais e de serviços da Avenida Amazonas, sendo possível aferir, na contemporaneidade, que a mesma possui uma ampla rede de comércio e serviço em toda a sua extensão, com movimentação dinâmica e diária, peculiar para uma cidade ribeirinha. A passagem para o porto principal apresenta um ir e vir permanente de pessoas que passam com suas “malas e cuias”, mercadorias e produtos vindos de outras cidades e de lugares do interior.

Não há população em situação de rua, mas ainda é comum a presença do morador na rua, em especial no fim da tarde nos bancos da rua e na praça da Catedral. Em alguns meses do ano, especialmente na vazante da várzea quando há o aumento da produção agrícola, o vendedor de melancia divide a calçada da Avenida próximo à escadaria da Francesa. Também no período do festival inúmeras barracas são instaladas, grupos se revezam em cânticos e festas e, no dia da padroeira, vira local para celebração. Ou seja, a Avenida, como qualquer rua de qualquer cidade, comporta o sentido do mercado pelas trocas comerciais, da festa pela realização de festividades sagradas ou profanas e por meio de atos e manifestações, principalmente nos pontos de centralidade. (RIBEIRO FILHO, 2009).

A dimensão de usos da Avenida Amazonas configura formas de apropriação espacial diferenciadas, havendo áreas de concentração residencial, de atividades comerciais e de serviço, como podem ser vistas na Figura 6.

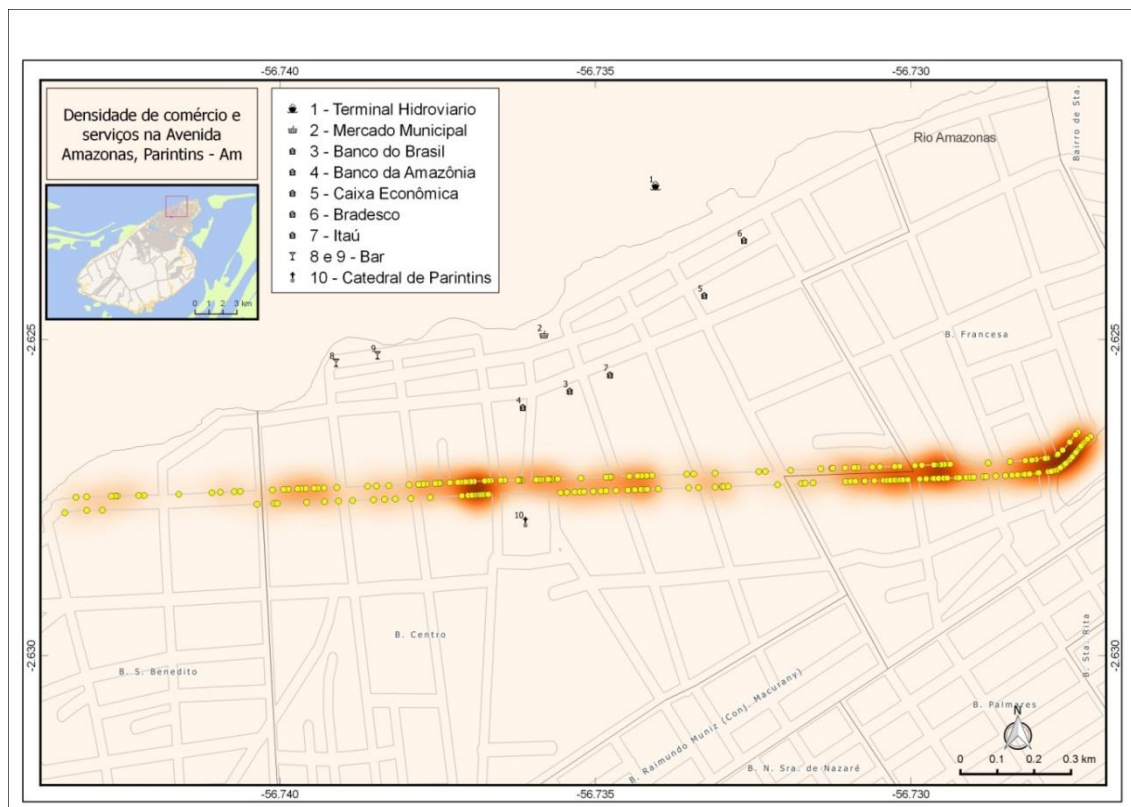


Figura 6 – Densidade de comércio e serviços na Avenida Amazonas, 2016

Fonte: Trabalho de campo elaborado à parte do mapa do IBGE, 2010; ANA, 2010. Desenhado por: Thiago Franco, fev. 2016.

As atividades são distintas no espaço e têm tempos diferenciados de usos. O espaço é frequentado por segmentos diferentes, o que gera conflitos sociais perceptíveis especialmente quanto à circulação e ao estacionamento de carros nas frentes das residências, nos estabelecimentos e até na praça da Igreja cujo estacionamento de automóveis foi proibido.

A circulação de pessoas é o que define a Avenida como centralidade, e isso se dá pelas opções e pela variedade de comércio e serviços que comporta, conforme mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 - Avenida Amazonas: Tipologias de estabelecimentos - Parintins - AM, 2016

ESTABELECEMENTOS	QUANTIDADE
Residências (exclusiva)	61
Loja de Confeccões	28
Imóveis disponibilizados para aluguel (loja e moradia)	22
Loja de artigos em geral	18
Bar, lanchonete, restaurante, pizzaria, sorveteria	16
Escritório	14
Salão de beleza e similar	9
Hotel e pousada	7
Ótica	5
Oficina Mecânica	6
Loja de Material de Construção e ferragens	5
Mercadinho e mercearia	4
Venda de peças e acessórios para celular	5
Casa de festas	4
Locadora de moto	4
Loja de autopeças	4
Loja de eletroeletrônicos	5
Ponto de revenda (catálogos)	3
Agência de viagem	2
Loja de Calçados	2

Fonte: Pesquisa de Campo, mai. 2016. Organizada pelos autores.

Da tabela acima, é possível inferir a diversificação de comércio e serviços existentes na Avenida, com a predominância de lojas de confecções, especialmente, as que vendem roupas e calçados, embora existam lojas específicas de calçados. Há ainda as lojas típicas de cidades do interior (lojas de artigos em geral) – aquelas que vendem de tudo um pouco e que não são iguais às antigas lojas da beira do rio, pois não vendem produtos destinados ao campo. Estas lojas urbanas têm outro perfil, pois vendem produtos diversos para o cliente urbano e podem ser caracterizadas como bazares/armarinhos.

Chama atenção o número de estabelecimentos residenciais e comerciais disponíveis para aluguel (22), o que reflete a crise econômica que também atinge as cidades do interior da Amazônia, com o fechamento de estabelecimentos comerciais. A pesquisa de campo foi fechada no segundo semestre de 2016, sendo que alguns estabelecimentos na atualidade foram fechados ou mudaram de local, mas permanecem na própria Avenida. Porém, outros fecharam definitivamente. No mapa abaixo, é possível observar a distribuição de comércio e serviços por segmento ao longo da Avenida Amazonas.

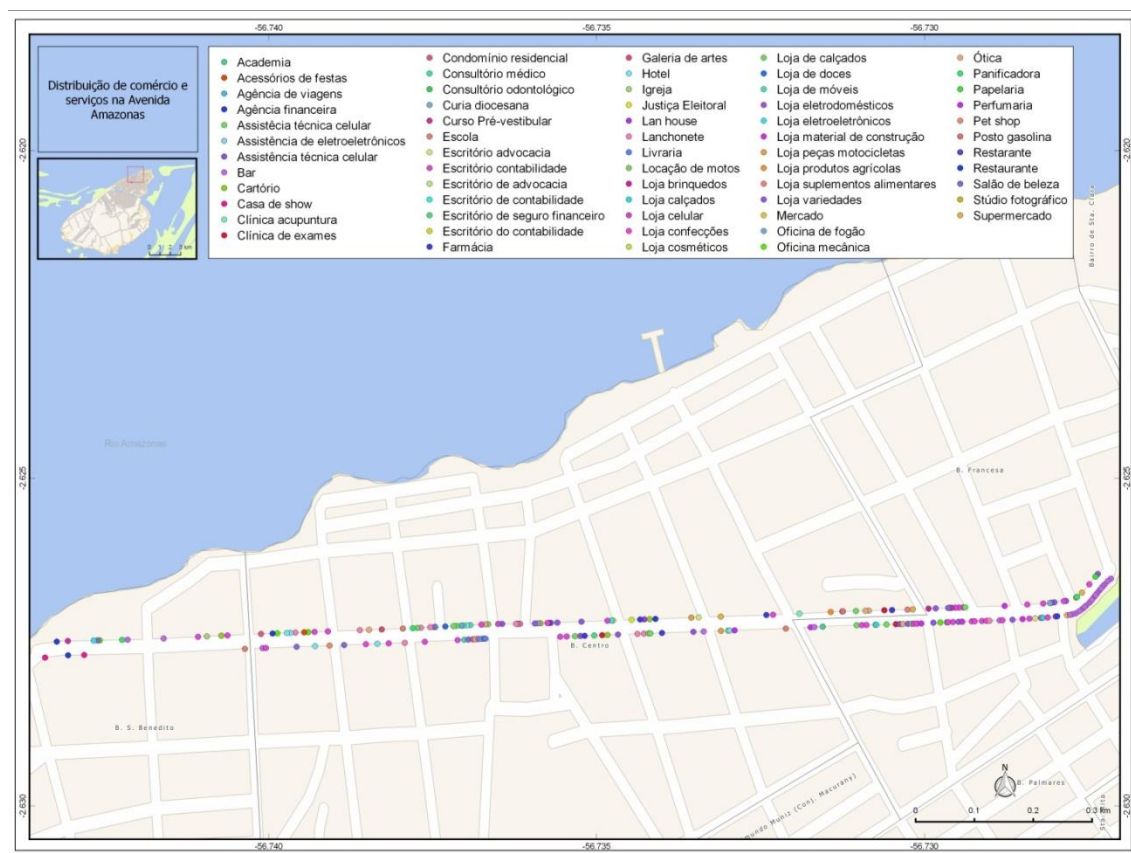


Figura 7 – Distribuição de comércio e serviços na Avenida Amazonas - Parintins/AM, 2016.

FONTE: Pesquisa de Campo 2016, a partir da base do IBGE, 2010. Organizado pelos autores. Desenho de Thiago Franco.

A paisagem atual da Avenida Amazonas é peculiar, mas reproduz as dimensões do espaço que parece homogêneo, o que caracteriza a produção da cidade na sociedade contemporânea. Embora exista na sua paisagem as marcas do lugar com características únicas, percebidas na observação de campo, na descrição de cada trecho ela comporta aspectos que são específicos. A dimensão mais geral deve ser analisada tendo como

parâmetro a reprodução ampliada das relações sociais, sendo que muitas dessas relações estão distantes da cidade de Parintins e influenciam a espacialidade específica do lugar, no caso da Avenida Amazonas.

Neste sentido, é importante descrever as especificidades do lugar, pois estas nos permitem compreender as dimensões concretas que ganham novos significados e nos possibilitam compreender como a população, a partir de suas condições objetivas, criam as mais diversas estratégias para produzir o lugar, que não é fruto apenas das determinações externas, mas do modo como estas determinações são apropriadas e adaptadas às condições do lugar.

A Avenida enquanto espaço é uma mercadoria que necessita constantemente de adaptações, modificações na infraestrutura, como asfaltamento, pintura de meio-fio e dos passeios, sendo que as calçadas são arrumadas especialmente no período do festival folclórico. Tais mudanças são voltadas para atender os visitantes que vêm para o festival, mas servem também para alavancar novos empreendimentos que contribuem para o processo de reestruturação urbana.

Na praça da catedral, existe o marco simbólico que divide a Avenida em duas cores, o lado azul localizado a leste, que vai da Catedral até à rua Furtado Belém nas proximidades da escadaria da Francesa, e o lado vermelho, que vai da Catedral ao clube Mangueirão na rua São Benedito. A simbologia se dá a partir da cultura local, por meio dos espaços e territórios das cores dos bois bumbás. Esta característica é marcante principalmente no período do Festival Folclórico por causa da rivalidade que divide a cidade em vermelho do garantido e azul do caprichoso.

No trabalho de campo, foi possível enumerar os equipamentos existentes nos dois trechos que dividem a paisagem da Avenida Amazonas.

Tabela 2: Comparativo das edificações do lado azul e vermelho

	São Benedito até a praça da Catedral	Francesa até a praça da Catedral
Residência	43	41
Misto (residência e comércio)	16	9
Terrenos	6	4
Comércios e serviços	57	84

Fonte: Pesquisa de Campo, abr. 2016. Organizada pelos autores, 2016.

Pela tabela acima, nota-se pequena diferença em relação ao quantitativo de residências, por outro lado, há maior diferença de comércios e serviços entre as duas áreas. Esta diferenciação está relacionada ao rio, que possibilita o aumento das vendas devido à atracação das embarcações na Escadaria da Francesa, especialmente no período de cheia, que se dá entre os meses de fevereiro a agosto.

A Avenida Amazonas se encontra ligada ao Centro da cidade de Parintins, onde se concentra a área do comércio, dos bancos e da sede antiga da Prefeitura, pelas Ruas 31 de março e Rua Paes de Andrade, tendo como referencial a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Estas ruas se conectam ao porto e podem ser consideradas “áreas de desdobramento não necessariamente [...] contínuas”. (SILVA, 2006, p. 231).

Essas áreas estão territorialmente ligadas ao centro principal, mas possuem dinâmicas diferenciadas embora possam ter surgido a partir do mesmo processo. Todavia,

Como a cidade é estruturada por processos contraditórios, não se deve encará-la como uma totalidade fechada. Ao contrário, ela deve ser compreendida como uma totalidade em constantes transformações. E as modificações que ocorrem em locais específicos podem acarretar mudanças qualitativas em outras áreas [...] Com isso, as singularidades da cidade implicam mudanças na apreensão de sua totalidade, inter-mediadas pelos processos de trabalho, que envolvem pessoas e instituições. (SPOSITO, 2008, p. 35).

Contudo, as informações dos moradores e as observações de campo permitiram entender a dinâmica da paisagem. As construções, os moradores, a convivência com os vizinhos, a utilização do espaço podem não ser os mesmos, mas as lembranças da organização espacial permanecem vivas na memória dos moradores do local. O progresso, ao qual os moradores se referem, engloba a criação das ruas, do posto de saúde, do colégio, do comércio, a chegada da energia elétrica e da água encanada, que são vistas por eles como melhorias na qualidade de vida. Não cabe à pesquisa estabelecer um juízo de valor se as mudanças são melhores ou piores, mas atestar que elas de fato ocorreram.

O estudo da Avenida Amazonas na cidade ribeirinha de Parintins permitiu compreender a sua importância para a cidade, visto que é a passagem para o porto, para o centro, e é onde estão localizados os comércios, as casas de festas, os prédios públicos municipais, as duas igrejas que destacam a religiosidade do lugar dividido entre católicos e evangélicos.

Quanto ao ambiente de sociabilidade, apesar das modificações concernentes à cidade, como as obrigações diárias, o ir vir da escola, do trabalho, a insegurança que já aparece, os moradores ainda conversam, se cumprimentam e relembram as suas relações pretéritas em relação ao seu ambiente familiar e social.

Considerações finais

A descrição dos moradores, por meio de relatos em entrevistas, permitiu o entendimento da consolidação da Avenida Amazonas como centralidade, anteriormente apenas um caminho onde predominava a paisagem natural, mas que foi se estruturando conforme o crescimento da cidade. Os quintais extensos das residências aos poucos vão dando lugar a novos empreendimentos e novas construções. Alguns poucos ainda resistem como lugar de plantar e de criação de pequenos animais, o que aparece como um modo de resistência numa paisagem urbana que aos poucos vai se homogeneizando.

Linearmente, as residências vão cedendo as suas fachadas e calçadas para o espaço de comércio e serviços. Nota-se que quanto mais próximo à Catedral, mais as vitrines se multiplicam com roupas de marcas famosas, e, quando se aproximam da área da Francesa, as lojas vão se segmentando com produtos diversos a preços populares. Esses são elementos que definem a tendência do sistema capitalista, que se reflete no espaço segregado e, ao mesmo tempo, unificado.

Outra questão está relacionada aos passeios públicos da Avenida, pois o projeto de reurbanização não levou em conta as suas dimensões pretéritas. Neste sentido, a Avenida deveria ser construída para as pessoas, onde a tacacazeira, por exemplo, teria seu lugar garantido. Todavia, ~~em~~ quase sempre o urbanismo é desprovido das dimensões sociais, isso significa que as transformações não são feitas para a população, por isso o projeto não as contempla. Porém, as pessoas resistem, reestruturam-se e se reapropriam dos espaços, tornando-os espaço de gente. As transformações aparecem nas entrevistas e nas observações de campo com essa dimensão, um urbanismo que afasta as pessoas, mas elas voltam e se apropriam dos passeios públicos e dão ao lugar o sentido do pertencimento.

Referências

BITTENCOURT, Antônio Clemente Ribeiro. *Memórias do Município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material*. 2.ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BUTEL, Larice; et al. *História e memória política do município de Parintins*. Transcrição das atas das legislaturas de 1943 a 1963. Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2011. Vol.I.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Estudos sobre a Rede Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DEMAMANN, Mirian Terezinha Mundt. *Rondonópolis: MT: Campo, cidade e centralidades*. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011. 250 f.

FERREIRA, William Rodrigues. *O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência - um estudo de caso em Uberlândia-MG*. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002. 324 f.

GARCEZ, Kedma Madalena Gonçalves. *Centro e Centralidade em São Luiz do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2009. 123 f.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação de Dados. Informações dos Censos demográficos brasileiros: Brasília: IBGE, 2010.

IBGE. Cidades - dados populacionais de Parintins, 2016. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/panorama>. Acesso: 13 set 2017.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *O Aguadeiro*. 2. ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1977.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. *Boi Bumbá imaginário e espetáculo na Amazônia*. Manaus: Valer, 2014.

NOVO HORIZONTE. **Jornal Impresso**. Edição 1994-2012. Parintins: Gráfica João XXIII.

OLANDA, Elson Rodrigues. *Sanclerlândia-GO: do povoado do Cruzeiro às novas centralidades*. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2010. 208 f.

PACHECO, Susana Mara. M. Rio Branco: uma avenida centenária. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara M. (orgs.). *Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional*. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. 81-105.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *As origens de Parintins*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1967.

RIBEIRO FILHO, Vitor. *A dinâmica recente da área central de Manaus*. In: OLIVEIRA, José Aldemir. (Org.). *Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. 61-87. (Vol. 1)

RIBEIRO, Miguel Angelo. *Itinerários e espaços das atividades terciárias e da prostituição nos loungadores da área central do Rio de Janeiro: os exemplos Passos, Mem de Sá, Graça Aranha e mediações*. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara M. (orgs.). *Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional*. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. 133-160.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Nova*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SANTOS, Gercicley Rodrigues dos; COSTA, Danielle Pereira; AMÂNCIO, Raimundo Nonato D. Hortas urbanas: a produção de hortaliças nos quintais da cidade de Lábrea, Amazonas, Brasil. IN: SCHOR, Tatiana (org.). *Dinâmica urbana na Amazônia Brasileira*. Manaus: Editora Valer, 2014. 135-150. Vol. 1.

SCHOR, Tatiana et al. Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no Estado do Amazonas, Brasil. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*. Macapá, v. 9, n. 1, p. 09-35, jan./jun. 2016. Disponível: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso: 15 set. 2016.

SILVA, William Ribeiro. *Para além das cidades: Centralidade e Estruturação Urbana: Londrina e Maringá*. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2006. 280 f.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Eliseu. S. *Redes e cidades*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. (Coleção Paradidáticos)

SPOSITO, Maria Encarnação; GÓES, Eda Maria. *Espaços fechados e cidades: Insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair ; SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da ; AMARAL, Márcio Douglas Brito. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. In: TRINDADE JUNIOR., Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. Belém: EDUFPA, 2008. 27-47.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Trad. de Clotilde da Silva Costa. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Coleção Reconquista do Brasil, v. 136.